

João Caupers

O aumento das exportações

No decurso de uma conversa tida à margem de uma reunião do Conselho Geral da Universidade Nova de Lisboa, foi veio à baila, no contexto das crescentes dificuldades financeiras das faculdades, a estratégia de "sedução" de estudantes estrangeiros como forma de garantir recursos que já se não conseguem obter do Estado, cada vez mais endividado, ou dos estudantes portugueses, cada vez mais pobres. Brasileiros, chineses ou indianos, surgem como alternativas desejáveis à pelintrice nacional.

Perguntarão o que tem isto a ver com as exportações. Tem tudo.

Já repararam, por certo, que o aumento das nossas exportações e a melhoria consequente da balança comercial são habitualmente apresentados, sobretudo por gente da área do Governo (por estranho que pareça, ainda sobrevive alguma), como o grande sinal positivo, talvez o único, da nossa desgraçada situação económica. Seria o resultado da resistência, da persistência e da inteligência dos nossos empresários, seguramente animados do mesmo espírito aventureiro e imaginativo dos nossos descobridores.

Há nesta visão algo de intrigante: alguém acredita que as empresas portuguesas - muitas delas, diz o sábio, geridas por ignorantes - se transformaram, num passe de mágica, em modelos de exportadoras eficientes de bens extraordinários, de que o mercado internacional há muito se encontrava sequioso?

Claro que muitos empresários fizeram um esforço notável, em muitos casos conseguido, para encontrar novos mercados para os seus produtos. Mas fizeram-no, antes de tudo, porque o mercado nacional deixou de absorver aqueles, já que os potenciais consumidores internos se encontram arruinados, ou a caminho da ruína, por via da prolongada e crescente espoliação - fiscal, parafiscal, salarial - de que têm sido objecto. De resto, pela mesma razão, também o consumo de bens importados caiu.

João Caupers

Sim, se deixámos de ter dinheiro para importar automóveis aos súbditos da Senhora Merkel, em breve não poderemos pagar os nossos pastéis de Belém, restando ao produtor exportá-los para a Arábia Saudita, concretizando uma genial ideia.

A adoptar-se e generalizar-se tal estratégia, chegará o dia em que os nossos doentes deixarão de ter lugar nos hospitais portugueses, por não terem dinheiro para pagar os tratamentos, sendo substituídos por pacientes estrangeiros endinheirados, importados "à cubana", em pacotes que poderão incluir o uso de um campo de golfe de dezoito buracos no Algarve e uma operação ao apêndice ou mesmo uma colocação de implantes de silicone.

Teremos então atingido, finalmente, uma situação financeira equilibrada e um estilo de vida sustentável: venderemos todos os bens que produzimos ao estrangeiro e prestaremos exclusivamente serviços a estrangeiros, no "nosso" país.

Infelizmente, não acredito que sobrevivamos ao sucesso.

Out.2012

Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas.